

## ENSINO MÉDIO: EXPECTATIVAS E REPERCUSSÕES NO PROJETO DE VIDA DAS JUVENTUDES DO IFPE

José Nildo Alves Caú

### RESUMO

A pesquisa faz parte do estudo de doutorado em Educação na UFPE, que visa analisar como o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco contribuiu através das relações vivenciadas, no processo formativo dos jovens egressos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio para as suas escolhas e mediações para a materialização do projeto de vida. Para tanto, realizamos um estudo exploratório com 390 sujeitos dos campi de Belo Jardim, Barreiros e Vitória de Santo Antão com a finalidade de caracterizar o perfil socioeconômico dos jovens/alunos matriculados no curso Técnico Integrado de Agropecuária do IFPE (1º, 2º e 3º anos) e desvelar as expectativas de projeto de vida da juventude do IFPE, considerando a continuidade dos estudos, inserção no mundo trabalho e a vivência da cidadania juvenil enquanto finalidades da EPTNM. As expectativas apontam para uma indefinição e uma imprevisibilidade em relação às perspectivas para o projeto de vida que na sua maioria assinalam para continuidade do processo escolarização.

**Palavras-chaves:** EPTNM. Juventude. Projeto de vida.

## **ENSINO MÉDIO: EXPECTATIVAS E REPERCUSSÕES NO PROJETO DE VIDA DAS JUVENTUDES DO IFPE**

### **1 INTRODUÇÃO**

O artigo é parte inicial do estudo doutoramento em Educação na UFPE que visa analisar como o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco contribuiu e mediou através das relações vivenciadas no processo formativo dos jovens egressos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio nas suas escolhas para a materialização do projeto de vida. No estudo exploratório envolvemos 390 sujeitos objetivando caracterizar o perfil socioeconômico e o modo de ser dos jovens matriculados no curso Técnico Integrado de Agropecuária do IFPE (1º, 2º e 3º anos) e desvelar as expectativas de projeto de vida da juventude do IFPE, considerando a continuidade dos estudos, inserção no mundo trabalho e a vivência da cidadania juvenil enquanto finalidades da EPTNM, nos campi de Belo Jardim, Barreiros e Vitória de Santo Antão. Fomentamos reflexões em torno do contexto do Ensino Médio e as mediações no processo de formação da juventude (s) e as expectativas alimentadas quanto ao rumo após concluir essa etapa da sua vida.

### **2 ENSINO MÉDIO E A FORMAÇÃO DOS JOVENS FILHOS DA CLASSE QUE VIVE DO TRABALHO**

Compreende-se no estudo que o processo de democratização e a luta pela universalização da Educação no Brasil, os jovens filhos da classe que vive do trabalho, ascende à garantia de acesso à escolarização e tem depositado a essa condição a possibilidade de mobilidade socioeconômica, atribuindo a etapa final da educação básica, como essencial para a preparação da travessia para vida adulta.

Nesse ensejo, conhecer os determinantes sociais que têm interferido na materialidade do ensino médio passa por compreender a realidade posta pela concretude, como uma condição a ser buscada no processo investigativo, sobretudo porque ele representa uma etapa importante na formação dos jovens. Contudo, as mudanças ocorridas no panorama educacional apontam, por um lado, para a expansão do acesso das classes populares a essa etapa do ensino e que vem ganhando contornos nos índices de ampliação das matrículas na faixa de 15 a 17 anos. Entretanto, essa realidade não tem refletido positivamente nos índices de avaliação, pois tem demonstrado na sua concretude a falta de sentido da escola, no abandono e na evasão escolar, expressando com isso os baixos índices de avaliação do desempenho da aprendizagem dos jovens, de maneira especial nas escolas públicas.

Reportamos-nos aos movimentos políticos de alternância da ditadura para democracia que trazem para a arena do debate os movimentos políticos e sociais na construção de marcos normativos, como a Constituição de 1988 e a nova Lei da educação. No processo de embate e lutas políticas, oito anos se passaram para a aprovação da LDB (Lei n.º 9.396/96); consolidando no seu artigo 22 a atribuição de que a “Educação básica tem por finalidade desenvolver no educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (FRIGOTTO, et al., 2014, grifo nosso).

Compreende-se que o Ensino Médio corporifica a noção de trabalho e cidadania como fundamento para a formação dos jovens, constituindo-se como Educação Básica, tomando como

base norteadora, os pressupostos estéticos, éticos e políticos que são os pilares da Constituição Federal e a LDB. Entende-se como finalidade do ensino médio:

Art. 35 O Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidade: I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos; II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III – o aprimoramento do educando como pessoa humana incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionado à teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1996, p.28).

Com isso, destaca-se que a identidade da escola de ensino médio tem como função contribuir para uma formação que desperte nos jovens as capacidades necessárias para questionar, criticar, refletir a realidade e estabelecer as devidas leituras de mundo. Contribuindo para a formação que valorize a heterogeneidade e na direção da superação de um padrão cultural regulador. Por outro lado, localiza-se que a realidade concreta tem focado que grande parte dos discursos normativos sobre as relações do Ensino Médio e a juventude tem sido apontada para invisibilidade dos sujeitos do processo formativo.

Com as mudanças operadas no ensino médio, ao longo do século XX e no início do século XXI, os jovens que chegaram à escola e deveriam ser o centro de atenção, não foram abarcados como um problema a ser resolvido com ações efetivas. Em outras palavras, não se apreende nos estudos o jovem existente no aluno, como assinalado por Carlos Brandão (apud DAYRELL, 2012, p. 299, grifos nossos), da necessidade de mergulhar na compreensão “não apenas o mundo cultural do aluno, mas a vida do jovem em seu mundo de cultura, examinando as suas experiências cotidianas de participação na vida, na cultura e no trabalho”. Nessa direção Frigotto (2004, p. 38) contextualiza:

Os alunos do ensino médio não se tratam, pois, de sujeitos sem rosto, sem história, sem origem de classe ou fração de classe. Os sujeitos a que nos referimos são predominantemente jovens e, em menor número, adulto, de classe popular, filhos de trabalhadores assalariados ou que produzem a vida de forma precária por conta própria, do campo e da cidade, de regiões diversas e com particularidades socioculturais e étnicas. É sob essa realidade de tempos e espaços diversos de sujeitos coletivos (jovens e adultos) reais que podemos construir (...) uma política de ensino médio que resgate o direito a continuação do processo de escolarização para aqueles a quem isso foi negado até o presente [...]. Trata-se de sentidos e significados que afetam a forma, o método e o conteúdo e o conteúdo do ensino médio.

Nesse contexto histórico, as reformas educacionais retratam a lógica hegemônica, cuja direção e as bases ideológicas prescritas estão a serviço dos interesses do capital, como exigência de que tipo de sujeito, na forma e no conteúdo, deve ser conformado à sua lógica, corroborando assim, o modelo econômico nacional de desenvolvimento hegemônico no país, que predominou desde a segunda metade do século XX. Assim, a escola de Ensino Médio assume a função social de formar os jovens para atender às demandas do mercado de trabalho. Gradativamente, a escola foi perdendo sua função exclusivamente propedêutica, com a qual atuava anteriormente.

Pelo exposto, entendemos que a garantia do direito à educação básica de qualidade deve estar em sintonia com a necessidade de uma educação profissional de nível médio, de caráter politécnico, e que “não tem objetivo de preparar o indivíduo para execução de tarefas que lhe

garantam a existência enquanto ser social comandado pela fome, pelo frio ou pela dor, ainda que não se furte a dar a sua contribuição nesse sentido” (BERNARDIM, 2013, p. 99).

Assim, a educação politécnica no seio da luta da classe trabalhadora deve atuar numa direção formativa dos jovens, que possibilite a visão global do trabalho e no pleno desenvolvimento dos seres humanos, suplantando a perspectiva de uma educação orientada para o adestramento, a subordinação, a simplificação da atual forma de existência social, que restringe a preparar os sujeitos para o senso comum dominante, como forma de manutenção do status dominante.

Há estudos que comungam de que um dos principais desafios na atualidade para o Ensino Médio é a universalização do acesso a um grande contingente de jovens contemplados com a criação de uma organização política e pedagógica, e garantir as condições materiais e imateriais necessárias para assegurar sua permanência no contexto escolar, possibilitando a apreensão de saberes significativos para todos. Para tanto, faz-se necessária a superação da dicotomia histórica entre trabalho intelectual e trabalho manual para ratificar a direção da formação integrada e a concepção da politécnica, dentro dos pressupostos do trabalho, ciência e da cultura como norte para formação da juventude.

Cabe ressaltar que o estudo se situa nas relações estabelecidas pelo viés das contradições da educação escolar, como foco de disputas ideológicas entre leituras de mundo e projetos de sociedade, que ora se antagonizam, ora se justapõem ou complementam, em cuja realidade tem prevalecido a disputa pelo controle das políticas educacionais que visam alimentar a produção das subjetividades dos jovens, na perspectiva da conformação; sobretudo, com a finalidade de despejá-los no mercado de trabalho, na propagada tarefa de tecnificação crescente, como bem assinala Marcuse no artigo de Belluzzo (2012, p. 1), no sentido de uma “automatização psíquica” dos indivíduos, “onde os processos são substituídos por reações imediatas, simplificadoras e simplistas, quase sempre fulminantes e esféricas em sua grosseria”.

## 2.1 OS JOVENS E A ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

Os jovens estabelecem suas relações sociais nos diferentes espaços e tempo de sociabilidade, entre ele, a escola. Cabe assinalar que as escolas vivem o reflexo do processo de democratização da educação e a crescente massificação escolar dos anos 1990, quando abrem as portas da escola para os jovens filhos da classe trabalhadora com toda a sua pluralidade de vivências. A transformação na realidade do ensino médio público no Brasil associa-se a esse processo de massificação do acesso à escolarização. Os jovens trazem para o contexto escolar as marcas dos conflitos e das contradições dos processos de precarização das condições de sobrevivência, ao qual são submetidos nas suas experiências diárias, influenciando, de certa maneira, na construção de sua trajetória escolar.

Como afirmado por Dayrell e Carrano (2014, p. 127),

As escolas esperam alunos, e o que recebem são sujeitos de múltiplas trajetórias e experiências de mundo, muitas delas oriundas das redes de relacionamento produzidas nos novos espaços-tempos da internet, dos mercados de consumo, de grupos culturais juvenis ou intergeracionais, de grupos religiosos e de culturas criativas e periféricas. São muito jovens aprisionados no espaço e tempo – presos aos bairros periféricos e com enormes dificuldades para articularem projetos de vida.

Há uma evidência no contexto escolar expressa na ausência de sintonia entre os interesses estabelecidos no estatuto da escola e a diversidade de estilos juvenis que passa a circular, no ambiente da escola, com a chegada dos jovens das classes populares. Estudos corroboram com duas questões importantes a serem compreendidas: uma relacionada com os elevados índices

de abandono escolar e o outro aspecto remete ao processo de esvaziamento do significado do espaço escolar.

Na atualidade, um dos grandes desafios posto, passa pela escola apreender e reconhecer que o jovem que chega à escola traz toda a sua bagagem de experiências produzidas e apreendidas nos múltiplos espaços da sociedade. Por outro lado, ao entrar no contexto escolar, é submetido ao processo de homogeneização que visa regular os comportamentos prescritos a todos os alunos. Como observado por Dayrell (2011), a condição de aluno é uma alternativa que poderá ser ou não incorporada pelo jovem. Por essa razão, apontam-se, em diversos estudos, para as implicações nas relações da escola de ensino médio e os jovens/alunos para a ausência de canais de escuta como um dos fatores do distanciamento dos jovens e da escola. Reconhecer também esse afastamento na vivência do cotidiano escolar entre a assertiva da reflexão e do pensamento e a vivência da prática social, como possibilidade de aproximar dos interesses dos jovens e das finalidades propostas para etapa tão importante na formação das juventudes.

### **3 JUVENTUDE(S): DOS PROBLEMAS AS INCERTEZAS NO RUMO NA VIDA**

Diante do exposto, compreender a realidade da juventude passa por desvelar as imbricações como sujeitos plurais (ABRAMO, BRANCO, 2008), que estabelecem relações sociais com os demais e vão produzindo sua subjetividade como o resultado das vivências ao longo da sua trajetória de vida. Considerando que pensar a juventude hoje é, na verdade, encontrar a diversidade que implica sua condição social de classe, e significa mergulhar em uma conjunção de sujeitos reais, com experiências, desejos, vontades, contestações, escolhas e dilemas demandados da condição juvenil contemporânea.

Compreende-se a categoria juventude como construída socialmente e caracterizada conforme o contexto sócio-histórico em que os sujeitos sociais estão inseridos. Considerando que essa abordagem garante estabelecer o sentido de que a problemática da juventude deve ser compreendida como um fenômeno social, cultural e não meramente natural (CATANI, 2008). Ou, simplesmente, uma categoria singular que é incorporar padrões culturais como uma condição genérica a todos os sujeitos.

Há uma diversidade de Juventude(s), em diferentes atenuantes, que deve ser considerada para a compreensão da condição juvenil<sup>1</sup>, considerando os jovens negros, pobres, mulheres e homens jovens, das áreas urbanas e do meio rural, que são submetidos aos mais diversos processos de exclusão, pelas poucas oportunidades de escolarização, pela falta de empregos, restritos ao campo de vivência social, que se traduzem em poucas condições de inserção socioeconômica, inviabilizando, assim, as potencialidades da juventude em vivenciar e experimentar formas qualificadas de sociabilidade, como evidenciado em estudos realizados por Carrano e Dayrell (2014) e Dayrell, Leão e Reis (2011),

Nesse sentido, compreende-se que a escolha da escolarização dos jovens filhos da classe que vive do trabalho é um fato construído histórica e socialmente, e que teve seu horizonte demarcado pela “desnecessidade” de escolarização para classe menos letrada, mas como algo “natural” para o segmento social advindo da classe burguesa privilegiada, como um instrumento de prescrição de uma civilidade herdada e atribuída pela sociedade regulada para a recompensa socioeconômica no futuro (BERNARDIM, 2013).

Esse paradigma está presente, no contexto da escola futurista, sinalizando uma transição da juventude para a vida adulta, a qual institui uma sociabilidade regulada e que deposita no futuro o tempo da recompensa, ou seja, a expressão de uma condição social de adulto definida, em

---

1 Ver Abramo (2005).

grande parte, “à mera idealização ou projeção do conjunto de elementos que determinada pela sociedade espera de seus membros reconhecidos como plenamente desenvolvidos e integrados no auge da vida coletiva e institucional” (CATANI; GILIOLI, 2008, p. 99); caracterizando como horizonte para a manutenção de um status social e a garantia do acesso à “terra prometida” traduzido no diploma e na recompensa no futuro.

A perspectiva de mobilidade social que almejava na modernidade não encontra mais a linearidade demarcada na previsibilidade como traços determinantes de uma transição<sup>2</sup> entre infância e a vida adulta. Incorporar-se uma nova leitura assentada na complexidade da sociedade contemporânea, como bem apresenta Hall (2000) à concepção de sujeito pósmoderno vem quebrar essa estabilidade e previsibilidade para a própria característica de mudança permanente da história humana, destacando – “tudo que é sólido se desmancha no ar [...]” (HALL, 2000, p. 14). Como uma vestimenta, o sujeito escolhe a ocasião mais adequada para usar uma das suas diversas identidades.

Mergulhar na realidade subjacente às últimas décadas do século XX e entrada do século XXI, depara-se uma série de contradições que configura um quadro de um futuro nebuloso para a juventude brasileira<sup>3</sup>, considerando os aspectos econômico-sociais, culturais, políticos e educacionais que demandam um olhar muito além das aparências propagadas pelos profetas do mercado. Expressa num cenário de extrema desigualdade social, em que a maioria das vítimas tem sido os jovens filhos da classe trabalhadora.

Frente à realidade comungamos da reflexão de que a escola por si só não consegue dar conta de alimentar as esperanças de milhares de jovens, com um presente demarcado de necessidades e vulnerabilidades e que não podem esperar por um futuro para almejar o sucesso, pois necessitam sobreviver.

Situa-se a dimensão do trabalho como um dos pilares importantes nesse momento da formação da juventude, sobretudo no desafio da escola reconhecer a sua centralidade, para o processo de formação dos jovens do ensino médio, “sem confundir isso unicamente com a defesa da educação profissional (as coisas não são sinônimas), parece ser necessário aprofundar as conexões entre a escola e o mundo do trabalho, como um direito essencial para cidadania juvenil” (CORTI, 2010, p.15).

### 3.1 RETRATO DOS JOVENS DO IFPE: EXPECTATIVAS E INCERTEZAS DE RUMO DE VIDA

No cenário da sociedade contemporânea apresenta-se inscrito de incertezas e de futuro imprevisível. Para Camarano et al. (2004, p. 13) assinalam: “Há indicações de que uma parcela importante dos jovens brasileiros está, atualmente, experimentando uma série de fragilidades e vulnerabilidades, o que leva a que se fale em uma ‘crise dos jovens.’” Nesse sentido, essas autoras afirmam que em decorrência desse processo de instabilidade:

[...] acredita-se que esse grupo tem passado mais tempo na casa dos pais na condição de dependentes. Além da dificuldade de inserção no mercado de trabalho, esses jovens estão experimentando maior instabilidade nas relações afetivas – casamento e descasamento –, muitas jovens ainda nos seus *teen* estão optando pela fecundidade precoce como uma forma de inserção no mundo adulto (CAMARANO et al., 2004, p. 13).

2 Ver a definição do termo transição (WELLER, 2014, p. 137).

3 O segmento de jovens negros/as tem sido vitimado e tem se ampliado na década, partindo de 45,8 em 2002 e chegando ao índice de 82,7 em 2006 e atingindo o patamar de 139,1 em 2010 (WAISELFSZ, 2012, p. 63).

Conforme Weller (2014) reitera que há contornos diferenciados quando relacionados com os marcadores sociais do processo de transição, e afirma:

É importante, além disso, termos em mente que as formas e os tempos de transição não são os mesmos entre os jovens do sexo feminino e do sexo masculino, para os jovens negros, do meio rural, do meio urbano que residem em bairros periféricos e para jovens cujos pais não tiveram acesso às etapas mais avançadas da educação básica (WELLER, 2014, p. 137).

No horizonte da formação humana, as experiências vividas pelos jovens, ao longo dessa etapa formativa, devem configurar-se para a construção do projeto de vida, em que se toma como leitura a compreensão de Dayrell et. al. (2011) e Velho (2003). Para tanto, compreendemos que os jovens ao longo da sua vida vão construindo e reorganizando seu projeto, como resultado das relações interpessoais e das experiências socioculturais constituídas através da vida cotidiana situados nos tempos e nos espaços sociais.

De acordo com Velho (2003), compreende-se como projeto de vida um processo sistemático e reelaborado, que reorganiza a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando, com isso, repercussões na sua identidade; cujo projeto, pode ser a representação de conceitos, palavras, categorias, seria um instrumento básico de organização desses fragmentos e de negociação da realidade com outros atores sociais nas suas relações individuais e coletivas.

Exatamente, essas condições marcam diferentes esferas da vida social da juventude preconizando os aspectos sociais, econômicos, culturais, ora apresentando fortes marcas da modernidade, ora fortes nuances das sociedades tradicionais, ora marcadas por aspectos culturais globais, ora locais.

No estudo exploratório objetivamos conhecer quem são esses jovens que buscam no IFPE as mediações da prática social por meio de sua vivência, seus conhecimentos e suas finalidades que alimentam suas expectativas na produção social do seu projeto de vida. Partese da premissa de que captar as leituras necessárias sobre esses jovens que chegam à escola perpassa em compreender como o modo de ser jovem materializa socialmente.

O Caminho metodológico organiza-se na conjunção de métodos, técnicas e instrumentos de pesquisa em uma abordagem que articula dados qualitativos e quantitativos, cujo sentido prima para captar e interpretar, à luz dos objetivos, os conteúdos das relações estabelecidas na vida social.

Utilizamos como instrumento metodológico 390 questionários e recebemos 311 dos jovens matriculados e frequentando o ano letivo de 2014. Desses, havia uma composição de 261 do Campus Belo Jardim representando 84% e 40 do Campus Vitória representando 13%. Os dados/ composição por série do universo pesquisados com 115 que cursam o 1.º ano (37%); estão no 2.º ano 118 (38%) e 77 estão no 3.º ano (25%).

O Perfil socioeconômico revelado dos jovens aponta que grande parte dos jovens é remanescente de rede pública de ensino e está dentro da faixa etária/escolaridade.

Há uma configuração dos arranjos familiares evidenciam que (68%) residem com os pais e (23%) com os avós e os demais com outros parentes. O estado civil da maioria de solteiro o que evidencia a tendência de dependência dessa etapa da vida para os jovens; Evidenciou que (55%) dos pais dos jovens não conseguiram concluir a educação básica, nunca estudaram (10%) e concluiu EM (28%) e (12,5%) Ensino Superior, assinalando, o aumento da escolaridades dos filhos em relação aos pais.

Constatamos (59%) tem acesso a computador com internet em casa, (15%) só a computador e (23%) não tem acesso.

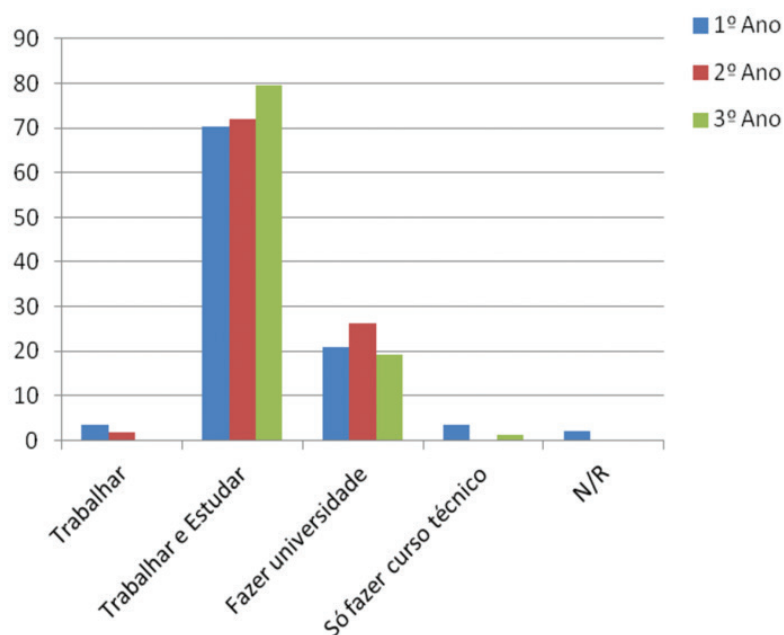
Quanto à forma participação (46%) participam de grupos de igreja e (21,5%) de grupos diversos e (24%) não participam.

Quanto ao acesso à cultura quase 80% nunca foi ao teatro, (50%) já foi ao cinema e (45%) nunca frequentaram.

Quanto às formas de ocupação do tempo livre evidenciou as práticas esportivas, viajar com a família, sair com os amigos, ler, dançar e ouvir música, etc.

Os assuntos que mais interessam aos jovens evidenciaram os estudos, família e futebol e o que as mais preocupam remetem para a saúde, educação e a perspectiva de futuro;

**Gráfico 1** – Expectativas após concluir o Ensino Médio.



**Fonte:** Elaboração própria.

Constatou-se, grande parte dos jovens (73%) alimentam como expectativa trabalhar e estudar. Em seguida, 22% pensam em fazer universidade; só fazer curso técnico e trabalhar 2% e (1%) não respondeu à referida questão. Essa tendência de estudar e trabalhar se faz presente na grande maioria dos jovens filhos da classe que vive do trabalho, considerando a importância da dimensão do trabalho como sentido para a escolarização dos jovens, fator esse que tem sido negligenciado no currículo escolar, conforme expostos nos estudos de Corti (2010). Deve-se considerar que a condição juvenil só é vivida pela maioria dos jovens da classe trabalhadora porque trabalham garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou consumo. Normalmente a iniciação ao trabalho ocorrer na adolescência, por meio de 'biscates', numa instabilidade que tende a persistir ao longo da juventude.

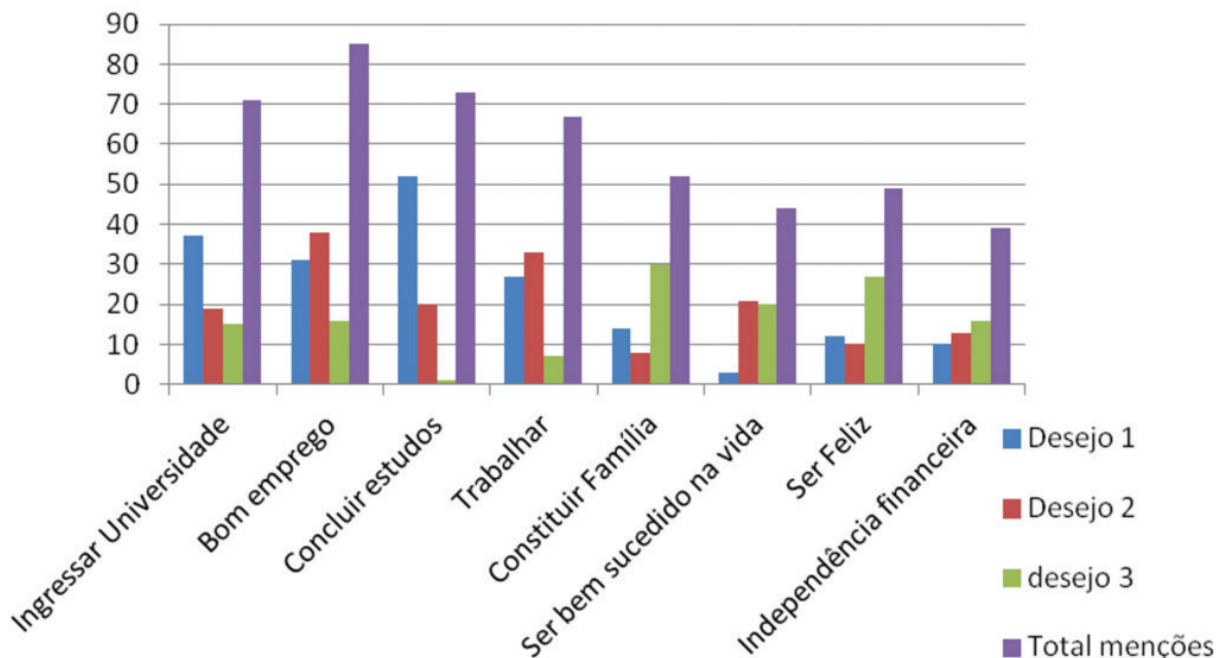
### 3.2 QUAIS SEUS PRINCIPAIS DESEJOS

Os achados colocam no visor indícios de que os jovens revelam em seu projeto de vida uma tendência muito presente de marcadores sociais de transição para a vida adulta, que ainda tem configurado em uma perspectiva linear, em depositar no futuro as recompensas da terra prometida, mesmo considerando que tem havido alterações pontuais.



Ao tecer uma leitura dos dados abaixo, evidencia-se a importância da escolarização e do trabalho como centrais, na trajetória dos jovens que desejam alcançar, mediante um bom emprego estável, a da garantia da tão sonhada autonomia financeira.

**Gráfico 1** – Como você se ver daqui a dez anos?



Fonte: Elaboração própria.

#### 4 CONSIDERAÇÕES

Os achados em relação a estudar e trabalhar aponta como uma tendência contrária ao que vem sendo apontado em alguns estudos, cujos jovens alimentam as expectativas ao longo do processo formativo de ingressar na universidade. Evidencia-se nos estudos de Corti (2010) que há uma tendência de associação entre a escola e o vestibular aumentar conforme os alunos progredam nas séries.

Reitera-se que para muitos jovens advindos da classe trabalhadora, cujo contexto do mundo do trabalho para a grande maioria, a experiência ou ausência de experiência, nesse momento da vida apresenta-se de forma diversa para as diferentes juventudes. Para a parte da juventude mais privilegiadas de recursos e que estão inseridos no ensino médio, significa um momento de formação para a inserção no mundo do trabalho. Por outro lado, para os filhos da classe que vive do trabalho, representa um tempo de trabalho e de muita “viração” e malabarismo para conciliar a condição de estudante trabalhador.

As expectativas dos jovens refletem uma indefinição e uma imprevisibilidade em relação às perspectivas para o projeto de vida. Com isso, reafirmamos que o processo formativo do Ensino Médio deve configurar-se em uma direção que possibilite abarcar para além dos conhecimentos e saberes “do aluno institucionalizado”, mas devemos conhecer o “jovem existente nesse aluno” considerando-se necessários para formação integral, sobretudo na produção das condições essenciais de preparação dos jovens de suas futuras escolhas e na elaboração de seu projeto de vida com seu devido valor social.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- BERNARDIM, Márcio Luiz. **Juventude, escola e trabalho: sentidos atribuídos ao ensino médio por jovens da classe trabalhadora**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- BELLUZZO, L. G. **Escola e cidadania**. 2012. Disponível em: <http://pedagogiapaforxviii.blogspot.com.br/> Acesso em: 19 ago. 2013.
- BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996a, Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 19 ago. 2013.
- CARRANO, P.; DAYRELL, J. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014.
- CAMARANO, A. A. et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. **Última Década**, v. 12, n. 21, p. 11-590, dic. 2004.
- CATANI, A. M.; GILIOLI, R. de S. **Culturas juvenis – Múltiplos olhares**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.
- CORROCHANO, M. C.. Jovens no ensino médio: qual o lugar do trabalho? In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; M., Carla Linhares (Org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014.
- CORTI, A. P. de O. Que ensino médio queremos? uma experiência de diálogo com escolas públicas. In: FERREIRA, Cristina A. et al.(Org.). **Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio**. Rio de Janeiro: EPSJV, UFPR, 2010.
- DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014.
- \_\_\_\_\_. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade** [online], v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>.
- \_\_\_\_\_; LEÃO, G.; REIS, J. B. dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 32, n. 117, p.1.067-1.084, out-dez. 2011.
- FRIGOTTO, G. **Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas**. In: Juventude e Sociedade – Trabalho, educação, cultura e participação – São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

\_\_\_\_\_. CIAVATTA, M, RAMOS, M. **O ensino médio como problema do presente e como disputa histórica necessária.** UERJ, Rio de Janeiro, 2014. (mimeo)

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade.** In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose.** Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

WELLER, W. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro In: DAYRELL, J; CARRANO, P; MAIA, C. L. (Org.). **Juventude e ensino médio:** sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014.